

M 281

Ar de Li

"O Globo - 20.6.60"

A CRÔNICA de Rubem Braga

DECADÊNCIA

VAMOS por essas estradas fluminenses, e de vez em quando divisamos a sede de uma fazenda. Esses fazendeiros das margens do Rio Prêto e do Paraíba eram todos barões, pelo menos. E tanto mais fidalgos quanto maiores suas senzalas e seus terreiros de café. Diante das casas plantavam palmeiras imperiais.

As enxurradas arrastaram o húmus de seus cafézais, abriram voçorocas. Os negros libertos viraram erosão social e as casas imensas ficaram mal-assombradas. Restaram os morros de pasto, hoje pintalgados de vacas holandesas. Dentro das capoeiras altas os pés de café velho se escondem, como árvores nativas, viraram mato. Agora, de vez em quando, um bisneto derruba o mato, planta café novo, com mão-de-obra cara e difícil. Revejo com alegria essa eterna paisagem de minha infância, os morros penteados de cafézais, entre rios tortos. Mas as novas gerações não aprenderam nada e não esqueceram nada. Os cafeeiros continuam a ser plantados morro acima, sem obedecer à curva de nível, sem nenhuma defesa contra as águas precipites dos temporais estrondosos de verão. O penoso trabalho de meio século da natureza vai ser outra vez desperdiçado; voltamos a plantar decadência.

Ah, no lugar de palmeiras imperiais refaçam suas aléias com palmeiras finas e líricas de palmitos. Assim, pelo menos os seus netos, cortarão as palmeiras e comerão os palmitos, antes de partir definitivamente para um emprego em qualquer apeteque de Brasília.

101